

UNIVERSIDADE IGUAÇU
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

FATORES DE INFLUÊNCIA PARA O SUCESSO DA
MULHER FUTSALONISTA

NILTON RODRIGUES RIBEIRO

Itaperuna, 2007

NILTON RODRIGUES RIBEIRO

FATORES DE INFLUÊNCIA PARA O SUCESSO DA
MULHER FUTSALONISTA

Monografia apresentada à Coordenação do
Curso de Educação Física da UNIG como
Requisito parcial para obtenção da
Graduação em Educação Física, orientado
pelo Professor Douglas Aparecido Dopp.

Itaperuna, 2007

EPIGRAFE

"Quando pela idade não puderes correr, trota; quando não puderes trotar, caminha; quando não puderes caminhar, use a bengala. Mas nunca te detenhas".

Madre Teresa de Calcutá

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida;
Aos pais pelo exemplo;
A minha esposa pela paciência;
A Universidade Iguazu, pela oportunidade;
Aos professores, pelo incentivo e apoio;
Aos amigos, pelo companheirismo;
Às alunas e ex alunas de minha escolinha, que foram à motivação para o estudo;
A todos que de uma forma ou de outra, contribuíram nesta caminhada.

RESUMO

A prática de futsal por indivíduos do sexo feminino, historicamente não constitui fato comum e encontra-se associado a elementos de preconceito, principalmente devido a percepção distorcida do perfil das praticantes. Este trabalho que hora se apresenta deve fomentar os fatores de influência para a participação e sucesso da mulher no futsal. Os primeiros passos do futsal aconteceram na década de 30 na cidade de Montevideu (Uruguai) onde o professor Juan Carlos Ceriani teria criado as primeiras regras fundamentadas no futebol (essência), basquete (tempo de jogo), handebol (validade do gol) e polo aquático (ação do goleiro). No Brasil, teve seu início praticado por homens a partir da década de 40. Em 1942 a prática do Futebol de Salão por adultos é proibida em todas as Associações Cristãs de Moços (ACM) Sul-Americanas, pelo alto grau de indisciplina. Porém a ACM (SP) desobedeceu. Esta situação foi revertida nas décadas de 60 e 70, quando o futsal passou a ser praticado como um esporte ordenado e regulamentado e hoje é uma modalidade muito popular no país. Com a fundação da Confederação Brasileira de Futebol de Salão – CBFS, surgiram os primeiros campeonatos Sul-Americanos de Clubes e de Seleções Nacionais, somente na categoria masculina. Em 1983, o Conselho Nacional de Desportos (CND) autorizou a prática de futebol e futsal na categoria feminina, pressionada pelo movimento de emancipação da mulher no cenário nacional e mundial. A partir daí ganhou impulso e vários estados se destacaram na modalidade. O ano de 1995 é marcado pela hegemonia do estado de São Paulo com o futsal feminino. Em 2001, entretanto, surge no futsal brasileiro um trabalho de base mais efetivo, assim como pela realização de novos campeonatos com a participação de atletas juvenis e acontece também neste ano a convocação da 1ª seleção brasileira de futsal feminino para um desafio internacional, estabelecendo de vez as bases para a profissionalização de uma categoria muito promissora. A partir de 2003 o estado do Rio Grande do Sul aparece como destaque nessa modalidade e anos depois o estado do Paraná é tido como principal força do futsal feminino. Em 2007 o futsal masculino foi incluído no Pan-americano de 2007, no Rio de Janeiro, e se aproxima do seu maior objetivo, que é se tornar Olímpico. Mas para esse sonho tornar-se real, há uma necessidade de o futsal feminino ter de se expandir internacionalmente.

Palavras Chaves: Feminino – Futsal – Preconceito

ABSTRACT

The futsal practice for female individuals, historically doesn't constitute a common fact and is associated a preconception elements, mainly due a distorted perception of the practicer profile. This work for now comes forment the influence factors for the woman's success and participation in the futsal. The first steps of futsal happened in 30s in Montevideo city (Uruguay) where the teacher Juan Carlos Ceriani would have created the first rules in football(essence), basketball(time of game), handball (validity of the goal) and water polo (action of goalkeeper). In Brazil, futsal had its beginning practiced by men in 40s. In 1942 the practice of futsal by adults was prohibited in all Christian Associations of Boys (ACM) South-Americans, by the high degree of indiscipline. But the ACM (SP) was the only one that disobeyed. This situation was reversed in 60s and 70s when the futsal was going to by practiced as a sport orderly and regulated and today is a very popular mode in the country. With the foundation of Brazilian Confederacies of Futsal – CBFS, in 1979, appeared the first Championships of South American Clubs and the National Selections, only for men. In the year 1983, the National Council of sports (CND) authorized the practice of football and futsal in the female category, pressed by the movement of women's emancipation in the national and global scenario. Since then gained impulse and several states emphasized in the mode. In 1995 it's marked by dominance of the state São Paulo with female futsal. In 2001, however, appears in Brazilian futsal a work of more effective basis, just as carried out of new championships with the participation of young athletes and also happen in this year for the international challenge, instead of laying for the professionalization of a category very promising. From 2003 the state of Rio Grande do Sul appears as stand out in this mode and years later the state of Parana is taken as the main strength of the female futsal. In 2007 the male futsal has been included in Pan American 2007, in Rio de Janeiro, and is close to its biggest goal, which is become Olympic. But need for the female futsal having to expand internationally.

Key words: Female – Futsal – Preconception

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
JUSTIFICATIVA	5
OBJETIVO	8
REVISÃO DE LITERATURA	9
HISTÓRICO E REALIDADE DO FUTSAL NO BRASIL.....	9
GÊNERO MASCULINO E FEMININO NO ESPORTE	11
A MULHER VENCENDO PRECONCEITOS.....	17
O ASPECTO PEDAGÓGICO NO ENSINO DO FUTSAL.....	22
1 - Faixa etária e desenvolvimento motor	22
2 - Motivação e apoio familiar	29
2.1. A participação da família	31
3. O (A) técnico (a) de futsal	32
4 - Trabalho Tático no Desenvolvimento da Atleta e da Modalidade...	33
DISCUSSÃO	38
CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

A sociedade já começa a sentir o aumento da representatividade da mulher na modalidade de futsal. Ainda que em menor proporção que o masculino, o crescimento tem sido considerável e o presente estudo vai abordar a questão da participação da mulher no futsal feminino.

Através de uma configuração imposta pela sociedade a mulher tem vivenciado no decorrer de sua história fatores de estereótipos, estigmas e preconceitos onde sempre foi exigida a cuidar de sua aparência e seguir os padrões impostos ao gênero, tais como a gestação e reprodução. Mas a mulher nos últimos anos, através de seu empenho e dedicação tem alcançado um papel fundamental, diante a cultura sócio-política e esportiva estando constantemente em grande destaque.

Para se iniciar uma reflexão a respeito da situação relativa à participação feminina em práticas esportivas, faz-se necessário uma breve incursão sobre a posição feminina no contexto sociocultural atual. Contexto este que, muitas vezes propicia estereótipos sociais, levando homens e mulheres a aceitarem papéis sociais previamente determinados pelo seu sexo, imprimindo os conteúdos discriminatórios ainda tão evidenciados.

A participação da mulher como atleta praticante do futsal tem causado diversas discussões, seja pelas questões de gênero ou pelo nível técnico que ainda está sob formação em relação ao desporto praticado pelos homens. De uma forma geral, a participação da mulher sempre foi caracterizada pela discriminação ao gênero feminino ao longo da história do Brasil, entretanto, esta mulher frágil e submissa começou, a partir das décadas de 40 e 50, a ocupar diferentes posições sociais e usufruir suas conquistas (GÖELLNER,

2002).

A situação ainda hoje se configura para alguns, que compõe os processos reguladores das atividades físicas para as mulheres como risco à sua castidade, beleza física ou à futura maternidade.

Felizmente esses ideais de submissão têm ao longo dos anos, graças à efetiva participação da mulher em todos os seguimentos sociais, sido alterados e hoje a mulher participa efetivamente na construção da sociedade relativamente em igualdade de condições com o homem.

As mulheres já conquistaram muitas vitórias e espaços no contexto esportivo. Hoje há a presença das mulheres em praticamente todas as modalidades esportivas, seja de forma amadora ou de competição.

Mas no ambiente esportivo, principalmente em modalidades como o futsal a situação do preconceito, das barreiras discriminatórias, o desconhecimento e a ignorância quanto ao papel da mulher atleta, é ainda, um fato muito comum de ser presenciado.

Objetivando um melhor entendimento sobre o desenvolvimento da mulher no esporte, mais especificamente no futsal, o presente estudo abordará questões de ordem influenciáveis para uma prática de sucesso no futsal, abordando assuntos relacionados à quebra do preconceito, sua iniciação desportiva, desenvolvimento, motivação e apoio familiar, o comprometimento do profissional e os aspectos pedagógicos no ensino da modalidade.

JUSTIFICATIVA

Os papéis feminino e masculino são construções culturais e que, através do processo de socialização, são inculcadas nestes comportamentos as funções sociais diferentes e direcionadas a cada sexo. A sociedade brasileira ao longo da história sempre caminhou segundo preceitos do regime patriarcal, onde os valores dados à população feminina são inferiores aos da população masculina. Contudo, o papel social feminino vem sofrendo, sobretudo nos últimos anos, expressivas modificações, como também, grandes mudanças comportamentais e atitudinais. Essas transformações também podem ser apreciadas em grande parte da população masculina, visto que os homens estão modificando seus conceitos acerca das capacidades femininas, estão aprendendo a ser mais complacentes e a ter maior nível de aceitação.

Pesquisas relatam que a possibilidade de demonstração de suas capacidades e de sua força interior, como também da sua determinação, vem contribuindo na mudança desses comportamentos e de valores no universo da mulher. Sua escolarização e profissionalização crescentes, sua inserção maciça no mercado de trabalho, sua participação política cada vez mais consciente e sua entrada efetiva na diversidade dos campos de atuação, tanto no plano de produção econômica, como intelectual, fazem com que, sem abdicar do seu papel maternal e doméstico (daí a expressão, dupla jornada), a mulher venha se destacando cada vez mais nos cenários sociais.

Estes valores acabam influenciando toda a gama de instituições, incluindo o que tange à participação feminina nos esportes em geral.

O esporte moderno é considerado um fenômeno social e, como tal,

mesmo que isto esteja em mudança na atualidade, ainda há uma predominância de valores masculinos, devido ao fato deste prever a existência de um modelo esportivo carregado de crenças e valores discriminatórios. Pode-se notar, dessa maneira, a pouca participação feminina no meio esportivo, apesar de um avanço na atualidade, devido a prevalecer à masculinidade e pelo fato de, na sua maioria, as atividades esportivas possibilitarem momentos ditos nitidamente agressivos, incompatibilizando com os estereótipos dados à mulher pela sociedade.

Muitas mulheres praticantes de esportes chegam a entrar em conflito com seu próprio papel, ou seja, enfrentam as suas concepções de feminilidade - fragilidade, passividade, dependência - com seus comportamentos ligados à prática esportiva, que tende a levar em consideração, principalmente a agressividade e a independência.

A inserção da mulher, tanto na vida pública como no esporte especificamente, se deu de maneira lenta e não linearmente. No entanto, hoje, pode-se perceber a camada feminina praticando os mais diversos tipos de atividades, quer seja em meio natural ou não. Talvez pelo fato de o esporte em si, contribuir na passagem e mudanças de valores opostos ao que a sociedade tenta inculcar no ser humano.

Com toda a transformação que vem ocorrendo em nível global, as mulheres, sob este processo de transformação, têm visto na sociedade um lugar onde podem encontrar seu verdadeiro "eu" e na prática das atividades físicas uma maneira de manifestar seus desejos e inquietações.

OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é apresentar os fatores que têm influenciado para o desenvolvimento e sucesso da mulher na prática do futsal.

REVISÃO DE LITERATURA

HISTÓRICO E REALIDADE DO FUTSAL NO BRASIL

Existe uma grande polêmica em torno de quem criou o Futebol de Salão. Sem dúvida alguma se pode afirmar que foi o Uruguai quem redigiu as primeiras regras. Cabe ao Brasil a responsabilidade de seu crescimento e ordenação como modalidade. O Futebol de Salão nasceu nos anos 30 e foi criado na Associação Cristã de Moços de Montevideu, Uruguai, pelo então diretor de seu departamento de menores, professor Juan Carlos Ceriani. Em 1933 ele redigiu as primeiras regras fundamentadas no futebol, basquete, handebol e pólo aquático (VOSER, 1999).

Para Santana (2003) o futsal é considerado por muitas pessoas genuinamente brasileiro. Pois sua difusão se deu de forma muito rápida no Brasil principalmente pela ACM de São Paulo. Onde alguns brasileiros que participavam da ACM do Uruguai, retornavam para trazerem as primeiras regras organizadas por Carlos Ceriani professor a ACM. Em março de 1958, a então Confederação Brasileira de Desportos (CBD) oficializou a prática do Futebol de Salão no país, fundando o Conselho Técnico de Futebol de Salão, tendo as federações estaduais como filiadas. Em 1969, foi fundada a Confederação Sul Americana, nesta época começaram a surgir os primeiros campeonatos sul – americanos de clubes e seleções nacionais (VOSER, 1999).

O Futebol de Salão ganha o mundo, surge em 25/07/71 a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA), fundada no Rio de Janeiro, tendo João Havelange como 1º presidente (SANTANA, 2003). O surgimento da

Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS) aconteceu em 1979 quando os esportes brasileiros sofreram transformações radicais já reclamadas há algum tempo, a mais importante foi o desaparecimento da Confederação Brasileira de Desportos, responsável pelo futebol e várias outras modalidades que não tinham Entidades Nacionais organizadas e dependiam das "migalhas" da CBD (C.B.F.S, 2006).

Assim, no dia 15 de Junho de 1979, no Rio de Janeiro, foi oficialmente fundada a Confederação Brasileira de Futebol de Salão, sendo os seguintes os estados fundadores: Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Sergipe, Amazonas, Pernambuco, Maranhão, Bahia, Paraíba, Mato Grosso, Brasília, Acre, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Norte, Amapá, Alagoas e Goiás (C.B.F.S 2006).

A década de 90 representa a grande mudança no Futebol de Salão. Da fusão do Futebol de Cinco (praticado pela FIFA) com o Futebol de Salão (praticado pela FIFUSA) surgiu o FUTSAL (VOSER, 1999). Em 1989 a FIFA homologou a supervisão do futsal mediante extinção da FIFUSA e a criação de sua Comissão de Futsal.

Atualmente a entidade nacional, CBFS, dirigente do Futsal, conta com vinte e sete (27) Federações Estaduais filiadas, congrega cerca de 3.500 clubes e associações, o que perfaz um total de aproximadamente 289.000 atletas inscritos e registrados na CBFS até janeiro de 2005. A entidade promove anualmente competições nacionais e internacionais de clubes e seleções, nas categorias infantil, juvenil, adulto e feminino (C.B.F.S 2006).

Alguns dados que deverão, ano a ano, serem superados: o Brasil possui 5000 equipes de futsal, mais de 180 mil de atletas federados, 27 federações,

1672 clubes, mais de 350 atletas no exterior; no mundo, mais de 70 países praticam o futsal; depois do Brasil, os países com maior número de participantes são: Espanha (1 milhão), República Checa (300 mil), Itália (210 mil) e Austrália (120 mil). O futsal é o esporte com o maior número de praticantes no Brasil (SANTANA, 2003).

GÊNERO MASCULINO E FEMININO NO ESPORTE

Culturalmente, o homem tem uma posição privilegiada: ele tem mais poder, mais liberdade e, por conseguinte mais opções do que a mulher. Enquanto criança, o menino é induzido a negar sua dor, quando envolvido com esportes durante a adolescência, tende a negar a dor com medo, por exemplo, de perder o lugar na equipe. O homem cresce e desenvolve-se condicionando sua personalidade, a fim de descartar seu desconforto físico e a bloquear suas emoções. Dor e doença relacionam-se a idéia de fraqueza, dependência e submissão são, portanto, características do gênero feminino. A socialização prepara os homens para a competição esportiva estando mais expostos a uma orientação competitiva de vida do que as mulheres.

Para homens e mulheres, normas impostas, de acordo com a predominância do gênero corrente, nesse caso, o masculino são vivenciadas como naturais. Dessa forma, aqueles que destoarem dessa suposta natureza serão percebidos pela sociedade como 'fora do padrão'. Ambos sofrem as conseqüências ao se comportarem diferentemente daquilo que é esperado. No esporte há uma grande valorização social de atributos masculinos: força, poder, liberdade, competitividade em detrimento dos femininos: delicadeza, fragilidade, inatividade entre outros, obviamente com a finalidade da manutenção de um controle social, da manutenção assimétrica e injusta do

poder de um gênero sobre o outro.

De acordo com Chauí (2000), a naturalização surge sob a forma de idéias que afirmam que as coisas são como são porque assim é natural. As relações sociais são como naturais e não como resultados da ação humana.

De acordo com Antunez (2001) os estereótipos e padrões culturais são socializantes e no que se refere às meninas, no ambiente esportivo, muito mais precocemente. Tratamentos diferenciados exercidos por responsáveis pela socialização, dentre eles, pais, professores, treinadores vão cultivando as identidades tanto das meninas como dos meninos. Assim, espera-se da mulher:

- Diferença em relação ao rendimento;
- Menores expectativas de êxito competitivo;
- Menor aptidão para o treinamento e para a competência física e;
- Maior aptidão para a criatividade, intelectualidade e sensibilidade (ANTUNEZ 2001).

A mulher, mesmo que atleta poderá ter vivido uma socialização estereotipada e de acordo com os padrões culturais. Quando no meio competitivo, caracteristicamente construído e tradicionalmente masculino, a mulher poderá apresentar um comportamento de stress mais significativo do que os homens, que desde pequenos estão socialmente mais voltados à competição.

Para De Rose (2001) a intensidade da resposta à situação causadora de stress é capaz de produzir atitudes de enfrentamento ou fuga, alterações de comportamento ou até alterações dos fatores intrapessoais do atleta.

Para esse mesmo autor a competição faz parte de um processo complexo, e, ao mesmo tempo, tem exigências frente ao atleta quanto ao alcance do êxito esperado, e que sob essas condições o indivíduo pode

experimentar elevados níveis de stress, que terá forte conseqüência sobre seu desempenho. Tratamentos desiguais e falta de apoio, o excesso de cobranças no esporte praticado pela mulher podem ser considerados situações causadoras de stress. Avaliações subjetivas de pessoas ligadas direta ou indiretamente ao meio esportivo são também consideradas fontes poderosas de stress, de acordo com De Rose, (2001):

Os atletas são analisados, avaliados e julgados por pessoas envolvidas direta ou indiretamente no processo competitivo esportivo. No primeiro caso são os técnicos, preparadores físicos, médicos, psicólogos, entre outros. No segundo, também passam pela avaliação de pessoas que nem sempre possuem discernimento e conhecimento suficientemente adequados daquela modalidade esportiva, para emitir um parecer condizente com sua condição. Aqui se enquadra a maioria dos torcedores (que colocam sempre o coração na frente da razão) e da parte da imprensa esportiva que apresenta um número reduzido de jornalistas especializados em modalidades esportivas pouco difundidas e que necessitam de maior conhecimento por parte dos mesmos (p. 2).

Mulheres tendem a apresentar níveis de stress mais significativos do que os atletas como demonstrou De Rose (2001) em um estudo que teve como objetivo identificar os níveis de stress competitivo apresentado por atletas de diferentes modalidades esportivas e compará-los em função das variáveis: sexo, tipo de esporte (individuais e coletivos) e modalidades esportivas. A amostra foi composta por 512 atletas, sendo 203 moças e 309 rapazes com idade compreendida entre 15 e 18 anos, praticantes de esportes coletivos (basquetebol e futebol) e individuais (natação e tênis). O instrumento utilizado foi o "Formulário para Identificação de Situações de Stress" (De ROSE, 2001) adaptado a cada uma das modalidades estudadas, cuja escala varia de zero (não provoca stress) a cinco (provoca stress muito elevado). Os resultados levaram as seguintes conclusões: considerando os resultados globais, as meninas apresentam níveis de stress significativamente maiores que os meninos; esta tendência se mantém quando comparados os sexos em cada tipo de esporte e em cada uma das modalidades esportivas; não há diferenças

estatisticamente significantes entre os níveis de stress dos praticantes de esportes individuais e coletivos de um mesmo sexo, apesar da tendência dos primeiros apresentarem resultados mais elevados; dentre as modalidades individuais, o tênis praticado por mulheres apresentou o maior nível de stress; dentre as modalidades coletivas, o maior nível de stress foi apresentado pelo futebol praticado por mulheres; considerando os resultados de ambos os sexos, o tênis foi à modalidade que apresentou o maior nível de stress.

Simões et al (2007) acreditam que a mulher adota no esporte características masculinizadas, a fim de se igualar ao homem, reagindo e reforçando o modelo de recompensa esportiva, remetendo-se aos valores, atitudes e habilidades iguais as dos homens, no que se refere ao esporte competitivo. Então, de acordo com esse raciocínio, quando as mulheres tiverem o mesmo reconhecimento, distribuição de poder e respeito à igualdade como cidadãs no esporte, elas não mais adotarão características 'masculinizadas'? Mas, o que são essas características masculinizadas? Demonstrar força, rapidez técnica, tática entre outras habilidades são características atléticas.

Gomes (2004), estudando o fenômeno esportivo, reafirma que o que caracteriza o ser humano é a variabilidade e não atentar a isso pode, conseqüentemente, levar a mulher a vivenciar situações de inferioridade e fraqueza como situações inerentes ao feminino, reproduzindo, dessa maneira a hegemonia androcentrista – tratamento de maneira preconceituosa, ser inferior.

Qual seria, então, a relação entre esporte e gênero? Gênero, como um conceito das ciências sociais, refere-se à construção social do sexo. A palavra sexo é a caracterização anátoma-fisiológica dos seres humanos, e no máximo,

a atividade sexual propriamente dita. O conceito de gênero distinguiu entre o dimorfismo sexual da espécie humana, que é um fato, e a caracterização de masculino e feminino que acompanham nas culturas a presença de dois sexos na natureza. Há machos e fêmeas na espécie humana, mas a condição de ser homem ou mulher é condição realizada pela cultura (HEILBORN, 1994).

Vance (1995), explica que, impulsionadas pelo movimento feminista, as acadêmicas e ativistas começaram a repensar no conceito de gênero que revolucionou as noções do que é natural. Após uma revisão crítica das teorias que usavam a reprodução para ligar gênero com a sexualidade, explicando dessa maneira a inevitabilidade e naturalidade da subordinação das mulheres. Esta revisão resultou a uma crítica geral do determinismo biológico. A amplitude dos papéis das mulheres não poderia estar subordinada por uma sexualidade e reprodução humana aparentemente tão uniforme.

Costa (1995), apresenta um breve histórico na tentativa de compreender a dominância masculina sobre a feminina, como segue:

- As idéias dos seres humanos serem divididos em dois sexos começaram a ganhar força cultural no século XVIII, antes disso para a medicina e a ciência galênica havia somente um sexo, o masculino, e a mulher era uma representante inferior desse sexo, pois não tinha o mesmo calor vital suficiente para atingir a perfeição do macho.
- A hierarquia sexual, na ordem crescente ia da mulher ao homem. A referência para sexo era os órgãos reprodutores do homem. A mulher era fria, sem o calor vital do homem e essa frieza era necessária para a reprodução. Se a mulher fosse tão quente quanto o homem o embrião poderia ser dissolvido, ou então, esse aumento do calor levava a mulher a distúrbio de seus humores, que subiam até a cabeça causando fenômenos patológicos. Ao final do século XVIII, essas crenças começaram a cair em desuso.
- Até então a distinção de gênero conhecida atualmente, não tinha como pressuposto a diferença sexual. O poder masculino não estava baseado nas diferenças biológicas dos sexos, mas sim, na ignorância da existência do sexo feminino, assim como na ignorância da sexualidade da mulher. A hierarquia galênicoplatônica distinguia o gênero tendo como suporte a unicidade sexual.
- A idéia de diferença de sexo para estabelecer a diferença de gênero entre homens e mulheres veio ao encontro com os ideais igualitários da revolução democrático-burguesa que tinha que justificar a desigualdades entre homens e mulheres, fundamentado numa desigualdade natural. Para que as mulheres e outras minorias não pudessem ter os mesmos direitos que os homens começaram a inventar algo que, na natureza, justificasse racionalmente as

desigualdades exigidas pela política e pela economia da ordem burguesa,z (p. 45).

Mediante a essas argumentações, o gênero como relação de poder antecede a diferenciação de sexo biológico, sim; porque ao ignorar o genital feminino tendo somente como referência o genital masculino, já evidencia a relação assimétrica e unilateral, de cunho biológico e egocêntrico do homem (FREIRE, 1995).

Atributos socialmente valorizados e que parecem fazer parte da natureza masculina, entre outros são: atividade, força, bravura, coragem, autocontrole, iniciativa, aptidão para competir, capacidade para dominar e comandar (FREIRE, 1995).

Conforme afirmam Souza e Altman (1999), o esporte é uma instituição generificadora que ajuda a construir a ordem de gênero corrente. Simões et al (2004), acreditam que o esporte leva a mulher a aceitar os desafios de competir e enfrentar situações problemáticas como as desigualdades de gêneros, cor, raça. O esporte espetáculo pode ser considerado um microcosmo da sociedade refletindo valores sociais, culturais, normas de conduta e ideologias.

No contexto cultural do esporte, não exclusivamente, esses atributos são comumente observados e manifestados como características de comportamentos, também, das mulheres atletas. Mas, acabam se tornando parâmetros para rotulá-las como anomalias nessa área. Por exemplo, uma atleta que necessite desenvolver sua força física para competir e ter um ótimo desempenho, indubitavelmente, tornar-se-á musculosa e forte podendo ser estigmatizada e conseqüentemente discriminada pela mídia, pela sociedade, por colegas, familiares, inclusive por ela mesma e até por estudiosos do

esporte. A tendência é esperar da mulher que ela expresse as características atribuídas e padronizadas pela sociedade como: passividade, compreensão, delicadeza, sempre e nos diversos papéis que as mulheres contemporâneas são protagonistas.

Elas herdaram um histórico sobre o papel do feminino na sociedade transmitido de geração a geração e ao adentrar no cenário competitivo talvez não encontre referências internas, que deveriam ser adquiridas ao longo de seu processo de aprendizagem para esse enfrentamento e muito menos referências externas, como o efetivo e real apoio de federações, confederações, dirigentes e políticas de âmbito federal.

O que se percebe, na realidade, é a desvalorização do esporte praticado por mulheres em relação aos homens, tanto em termos financeiros, condições de treinamento, transporte, alojamento, publicidade e mídia. Simões et al (2004) afirma que é factual a diferença de tratamento recebida pelas mulheres atletas em relação aos homens, pois os padrões sociais valorizam mais as conquistas masculinas do que as femininas e que isso é enfatizado tanto pela televisão, como pelos outros meios de comunicação em massa. Essa mesma mídia faz das mulheres atletas uma forma de apelo sexual ou estético, em vez de dar a devida importância ao seu desempenho atlético.

A MULHER VENCENDO PRECONCEITOS

O Futebol Feminino é praticado por mulheres desde muito tempo, entre o final da década de 1910 e início dos anos 20 alcançara grande sucesso na Europa. Anos depois em 1940, no Brasil, a edição de abril da revista Educação Física informava a realização de uma “interessante partida de futebol entre senhoritas” no Rio de Janeiro, que “constituiu um espetáculo de grande

sucesso, causando assim sensação em nosso mundo desportivo”.

De imediato, a novidade representada pela aparição e desenvolvimento dessas equipes despertou amor e ódios no eixo Rio – São Paulo. Porém, alguns zelosos desportistas recebiam com estranheza as notícias que chegavam dos subúrbios cariocas. Tanta estranheza que um deles, não relutou em escrever ao presidente Getúlio Vargas para “solicitar a clarividente atenção de V. Excia. para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabafar em cima da juventude feminina do Brasil” (FRAZINI, 2002).

De acordo com Teixeira Júnior (1992):

[Venho] Solicitar a clarividente atenção de V. Ex. para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, Senhor Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte suas funções orgânicas, devido à natureza que dispoz a ser mãe...Ao que dizem os jornais, no Rio, já estão formados, nada menos de dez quadros femininos. Em São Paulo e Belo Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destroçadores da saúde de 2.200 futuras mães que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes. (José Fuzeira, em carta datada de 25/04/1940 e veiculada pela imprensa) (p 20).

Da presidência da República, a carta foi encaminhada à Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde que por sua vez a repassou à sua subdivisão de Medicina Especializada, onde recebeu não só o parecer da “voz da ciência” como todo o seu apoio na cruzada contra as mulheres futebolistas. Em abril de 1941, surge o Decreto-Lei 3.199 e seu artigo 54 onde afirmava que “as mulheres não se permitiria a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (FRAZINI, 2002).

Proibia a mulher de praticar alguns esportes tais como: lutas, pólo, pólo

aquático, rugby, halterofilismo, baseball, futebol, futebol de salão e futebol de praia (TEIXEIRA JÚNIOR, 1992). Deixava a critério do CND a definição de quais esportes elas poderiam praticar. E havia uma série de esportes “recomendáveis”, como já mostrava o citado laudo da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde: tênis, voleibol, críquete, natação e ciclismo (FRAZINI, 2002).

A proibição só veio a ser revogada na década de 1980, e se fez acompanhar da criação de departamentos de futebol feminino em vários clubes do país. O ano de 1982 passa a ser o marco de uma nova era para o futebol feminino, quando começam a surgir equipes de futebol, sendo que a carioca Radar Futebol Clube, foi a que mais se notabilizou, revelando grandes jogadoras e desmistificando o fato de que futebol era só pra “macho” (TEIXEIRA JÚNIOR, 1992).

Em 08/01/83 o Conselho Nacional de Desportos (CND), liberou a prática do Futebol de Salão para as mulheres. A partir dessa data os campeonatos começaram a surgir em vários estados, no entanto nenhum sendo oficial e reconhecido pela CBFS. Antes disso alguns estados já faziam seus campeonatos locais e metropolitanos (SANCHES e BORIM, 2006). A prática do Futebol de Salão Feminino foi autorizada pela Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) em 23 de abril de 1983 (TEIXEIRA JÚNIOR, 1992).

A busca da mulher pelo espaço e identidade no meio esportivo, assim como na sociedade, apresenta um considerável progresso. Porém, ainda muito longe da igualdade e equidade quando comparado aos atletas masculinos.

Desde as suas primeiras participações nos Jogos Olímpicos até os dias atuais, em relação ao espaço, de uma forma geral, a mulher ainda está à

procura de sua afirmação como ser humano, consciente de suas capacidades e limitações em todos os meios principalmente no esportivo, onde se caracteriza um maior preconceito.

Diversas condições favoráveis foram surgindo com o passar dos anos, criando condições sociais favoráveis à interação com o pensamento e comportamento da mulher. Para Mourão (1998), que procurou traçar a trajetória da mulher brasileira em atividades físico-esportivas, observou-se que o maior intuito era a modificação da educação física das mulheres. Pois esta, até então, era defendida nas escolas com uma grande propaganda de concepção para sua formação corporal, objetivando exercícios adequados à gestação e a reprodução, sem interferir na graça e beleza femininas. Isto é, os papéis da mulher, mãe e esposa, não deveriam se transformar com a prática da educação física, e posteriormente também com a prática esportiva.

Segundo Giddens (1995), família torna-se a principal instituição socializadora na infância, e nas etapas posteriores da vida de uma pessoa, as relações com seus pares, escola, meios de comunicação, se caracterizam como importantes meios de socialização. Portanto, a criança modela sua conduta de acordo com suas vivências. Ela adota e reproduz seus comportamentos de acordo com sua família, sua cultura, modelos de educação, escalas de valores e expectativas.

Antunez (2001) acredita que os estereótipos e padrões culturais são condicionantes e no que se refere às meninas muito mais precocemente, pois tratamentos diferenciados (exercidos por quem são os responsáveis pela socialização: pais, professores, treinadores) vão cultivando as identidades tanto nas meninas como também nos meninos. Por isto, espera-se da mulher uma

diferença em relação ao rendimento, expectativas de êxito, menor aptidão para o treinamento, para a competência e maior aptidão para a criatividade, intelectualidade e sensibilidade.

A identidade da mulher desenvolve-se sob esses padrões, e ainda que com o passar dos anos isto vai perdendo o "poder", influenciam, na escolha, predisposição, interesse e atitude frente ao esporte. Isto é: a mulher representa para o esporte não o que ela pode desempenhar como atleta ou simples praticante, e sim o que se espera socialmente dela, baseado em um modelo preconcebido de comportamento.

O rendimento esportivo não está marcado somente pelas diferenças biológicas, sendo que as diferenças psicológicas, sociológicas e culturais vivenciadas pelas mulheres, marcadas e regulamentadas pela sociedade com normas diferenciadas para homens e mulheres, também afetam o rendimento construído por relações de gênero e que ajuda a construir a ordem de gênero corrente. Sua estrutura e valores refletem conceitos dominantes de masculinidade e feminilidade (SOUZA & ALTMANN, 1999).

Por outro lado existe a individualidade das pessoas. A mulher talvez não queira corresponder ao que é socialmente esperado. Embora, sempre haverá marcas daquilo que lhe foi ensinado.

A dominância dos valores masculinos na sociedade é atribuída ao esporte, sendo a agressividade, persistência e busca da vitória parâmetros para rotular a mulher como uma anormalidade nessa área. Espera-se da mulher que ela expresse as características atribuídas pela sociedade como passividade, compreensão, delicadeza, mas a mulher que participa do esporte e que deseja obter resultados buscará os adjetivos atribuídos ao gênero

masculino: agressividade, orientação para o êxito, perseverança, podendo, portanto, ser percebida como uma invasora do meio das atividades do homem, que interpretará como falta de graciosidade, feminilidade e doçura (PEREIRA 1984).

A mulher no esporte busca reconhecimento de seu desempenho e conquistas enquanto atleta e não como um objeto decorativo de quadras, piscinas ou programas esportivos televisivos.

Não bastando os desafios comuns, a mulher que busca seu espaço no mundo esportivo é cobrada constantemente pela sociedade pelo seu papel de mãe e esposa; sofre constantemente a pressão pela busca de um corpo ideal, que contemple o ideal feminino; sofre a falta de apoio financeiro; tem que ser extremamente competente e seu desempenho esportivo tem que ser 100%, para obter algum reconhecimento. Em função disso, as mulheres atletas, devem estar bem preparadas emocionalmente, para enfrentar, vencer e eliminar os preconceitos, os estereótipos, os estigmas, as desigualdades das oportunidades, as diferenças que limitam e muitas vezes as afastam do contexto esportivo.

O ASPECTO PEDAGÓGICO NO ENSINO DO FUTSAL

1 - Faixa Etária e Desenvolvimento Motor

No País há indícios de ser crescente o número de crianças com idade entre 7 e 12 anos que optam pela prática do futsal (MUTTI, 1994), modalidade oferecida pela maioria dos clubes, colégios, associações e organizações congêneres (SANTANA, 1996). Entretanto, a iniciação pode acontecer até mesmo antes, aos 5 e 6 anos de idade. Esse fenômeno acontece no mundo todo, onde é cada vez maior o volume de crianças nas mais tenras idades

participando de programas de movimento orientado e esporte organizado. A prática regular e orientada do futsal é oferecida à comunidade através das escolinhas especializadas. Na escolinha, a criança será levada a participar de treinos e jogos.

Estudos de Santana (2005) indicam que o ensino do futsal deve ser feito pelo professor de Educação Física, competente para propiciar o aprendizado, estabelecendo objetivos, conteúdos, metodologia e avaliação do ensino. O fato de a criança iniciar no futsal, no final da 1ª Infância (6,7 anos) ou durante a 2ª infância (entre 8 e 12 anos), não deve ser motivo de preocupação, desde que a proposta de ensino seja compatível com suas características, possibilidades, interesses e necessidades. O professor que trabalha na iniciação não interage apenas com a criança, mas também com pais e dirigentes esportivos. Nesse cenário, terá que conviver com valores (princípios) e idéias (opiniões) dessas pessoas. Nem sempre esses valores e idéias terão congruência com o conhecimento específico que requer a sua atividade profissional, o que é absolutamente compreensível, pois são pessoas que ocupam no processo situações distintas e, na maioria dos casos, de formação profissional também diferentes. Logo, poderão surgir pontos divergentes e o professor, competente tecnicamente (domínio do conhecimento), deverá argumentar e propor alternativa metodológica compatível à faixa etária e voltada para a promoção da criança.

Nessa direção, Santana (2005) propõe-se a contribuir com subsídios para a ação pedagógica do professor. Considera-se necessária a elucidação de alguns conceitos que permita uma construção de conhecimento comprometida com a criança e que possa, efetivamente, desvincular o futsal na infância da

especialização esportiva precoce. Observe essa discussão identificando o sistema humano que interage com a criança futsalonista.

O Sistema Humano

Sistema pode ser considerado como o conjunto de elementos entre os quais se possa encontrar alguma relação (Santana, 2005). Objetivamente, aquelas pessoas que interagem com a criança: professores e técnicos, pais, dirigentes esportivos de clubes e de entidades. Logo, a criança que pratica o futsal na infância interage permanentemente com um sistema humano, sofrendo influências destes segmentos. Importante entender esse raciocínio para não perder de vista a complexidade da situação.

As Implicações do Sistema Humano

O futuro da criança no futsal pode estar diretamente relacionado com as ações metodológicas e pedagógicas do professor. À medida que tiver crianças incorporando à sua vida esse esporte, seja em lazer ou até mesmo profissionalmente, foi porque as ações do sistema humano, particularmente do professor, foram competentes. O contrário - crianças abandonando o esporte precocemente, também devem ser creditadas à deficiência do sistema humano e, particularmente, do professor.

A Responsabilidade do Sistema Humano

A criança não é responsável se o dirigente do seu clube quer sua categoria campeã a qualquer custo, afim de que seu clube possa firmar-se no cenário esportivo. Não é responsável por seu técnico antecipar etapas, introduzir treinamento precoce e valorizar apenas a vitória. De fato, as implicações existem, são atuais, devem ser apuradas, e são complexas. Resolvê-las é tarefa difícil, pois envolve transformações de comportamento de

vários segmentos.

Iniciação e Especialização Esportiva

Iniciação esportiva é o período em que a criança inicia a prática regular e orientada de uma ou mais modalidades esportivas, sendo que o objetivo imediato é dar continuidade ao seu desenvolvimento de forma integral, não implicando em competições regulares. Já a especialização esportiva implica em competições regulares, desenvolvimento de capacidades físicas, habilidades técnicas e táticas, onde o objetivo é a performance (INCARBONE, 1990). Nesse sentido, deveria a mesma obedecer a três etapas distintas:

- Formação motora, geral, de base (7/8 à 9/10 anos);
- Treino das bases (ou fundamentos) do rendimento (9/10 à 11/12 anos);
- Treino estruturado do rendimento (12/13 anos).

Na 1ª etapa, os conteúdos e o método adotados orientariam a criança no sentido de desenvolvimento do seu talento motor geral. Na 2ª etapa, haveria um direcionamento gradual para as particularidades do esporte e, na 3ª etapa, como diz o nome, estruturar-se-ia o treinamento objetivando o rendimento esportivo. O autor deixa bem claro que “(...) o processo de especialização numa modalidade desportiva começaria apenas na fase do treino das bases do rendimento desportivo (2ª. etapa)”.

Treino Precoce e Especialização Esportiva

Não se pode ignorar que o período dos 6 aos 12 anos é importante para o desenvolvimento motor e emocional da criança. Nessa fase, a criança está numa fase ótima para a aquisição e combinação de novas formas de movimento, aprendizagem de habilidades motoras, formação do acervo motor e construção de idéias e valores de acordo com Santana (2005). Para ter

sucesso na etapa seguinte, de rendimento esportivo (e também na construção de uma cultura de lazer e de saúde) deve cumprir atividades motoras orientadas, vivenciadas em clima lúdico e participativo. Até mesmo para a seleção de atletas talentosos, uma especialização desportiva inadequada pode significar problemas para o técnico na orientação desportiva. Logo, iniciar a criança no esporte durante o decorrer da 1ª e 2ª infância tornar-se-ia mais adequado.

Possíveis Causas da Iniciação e Especialização Esportiva Precoce

O futsal, ao contrário de tantas outras modalidades coletivas, é oferecido para a criança na 1ª e 2ª infância. Guardadas as proporções, estariam envolvidos outros fatores: evidência do esporte na mídia; diminuição dos parques e campinhos de várzea (devido a enorme expansão imobiliária); promoção de eventos de caráter municipal, estadual, nacional e mundial; organização do esporte (Confederação, Federações, Ligas).

Agora, por que a criança é especializada precocemente no futsal? Possivelmente, por dois motivos principais: a falta de conhecimento do professor e/ou as ações (pressões, idéias, valores) oriundas do sistema humano. Muitas vezes, as duas coisas não acontecem ao mesmo tempo.

Possíveis conseqüências da especialização esportiva precoce

A possível conseqüência de se especializar a criança precocemente está diretamente ligada ao fato de se adotar, por longo período de tempo (temporadas), uma metodologia incompatível com as características, interesses e necessidades da criança. Logo, os possíveis efeitos podem não se manifestar imediatamente, mas no decorrer de temporadas. A criança de 6 anos pode não apresentar estresse de competição nos primeiros meses de

prática do Futsal, mas poderá apresentá-lo futuramente.

Outro efeito são as lesões, uma vez que o futsal é um esporte praticado num piso duro, que não permite muitas vezes deslizamento; se praticado em excesso e por longo período de tempo pode ocasionar arrancamento de tendões junto à inserção óssea e até mesmo fraturas, devido à criança não apresentar maturação óssea equivalente e lesões epifisiárias, que atrapalham seu crescimento (SANTANA, 2005).

Com o objetivo de evitar as possíveis conseqüências da especialização esportiva precoce, os professores terão que definir princípios metodológicos que viabilizem a aplicação de condutas pedagógicas comprometidas com as possibilidades, interesses e necessidades da criança.

Caminhando Para Princípios Metodológicos

As ações pedagógicas do professor devem ser coerentes com os princípios eleitos pelo mesmo. Logo, os princípios deverão estar presentes no processo ensino-aprendizagem da modalidade.

Freire (1998) define alguns princípios orientadores de condutas pedagógicas no ensino do futebol, que são pertinentes ao ensino do futsal. Elege quatro princípios: ensinar futebol a todos; ensinar futebol bem a todos; ensinar mais que futebol a todos; ensinar a gostar do esporte. Ao ensinar futebol a todos, o autor não despreza a importância de fatores genéticos na aprendizagem, mas refuta a seleção natural. Acredita que qualquer pessoa pode aprender a jogar futebol. Quem joga bem, jogará muito bem; quem sabe pouco ou nada, aprenderá o suficiente; todos devem receber a atenção do professor. Não basta ensinar a todos, o professor deve ensinar bem a todos. Utilizar-se das melhores técnicas. Na argumentação do terceiro princípio,

demonstra sua preocupação com o desenvolvimento intelectual, social e moral do aluno, com a sua condição humana. E, concluindo seu raciocínio, preconiza que para a criança aprender a gostar do esporte, exigir-se-ão do professor condutas pedagógicas que promovam a aprendizagem em clima lúdico, prazeroso e participativo.

Esses princípios são adequados para orientar a iniciação de crianças no futsal. Algumas sugestões de condutas pedagógicas devem ser de conhecimento de professores preocupados em provocar transformações nas aulas de futsal na infância (SANTANA, 2005). Não devem ser encaradas como “receitas”, mas sim como conteúdo a ser estudado, aplicado e revisado continuamente:

1. conhecer as características da criança na faixa etária correspondente;
2. planejar as aulas com antecedência;
3. construir um acervo pessoal de atividades motoras lúdicas e diretivas para cada fundamento;
4. registrar no acervo pessoal atividades motoras criadas no transcorrer das aulas;
5. valorizar jogos da cultura popular infantil no ensino-aprendizagem do futsal;
6. criar e propor atividades motoras compatíveis aos interesses e possibilidades da criança;
7. trabalhar formas básicas de desenvolvimento motor;
8. diversificar atividades motoras, abandonando repetições e monotonia;
9. diversificar e adaptar materiais quando do ensino-aprendizagem do futsal;
10. priorizar atividades motoras lúdicas no ensino-aprendizagem dos fundamentos;
11. não se preocupar em aprimorar, mas em corrigir os gestos técnicos dos fundamentos;
12. não colocar as respostas motoras da criança sob julgamento;
13. incentivar a criança na realização das atividades motoras;
14. criar clima de descontração prazeroso;
15. criar um clima participativo, valorizando a comunicação verbal da criança;
16. enfatizar o desenvolvimento

social, o intelectual e o afetivo da criança; 17. oportunizar durante os jogos e competições a participação de todas as crianças; 18. encarar a competição como um meio de formação e não como um fim em si mesma;

O que deve prevalecer nas ações pedagógicas do professor, quando no planejamento e operacionalização de sua aula, é a introdução de atividades motoras compatíveis às características da criança, que levem-na a conhecer suas possibilidades corporais, a interagir com os outros e com os objetos, em clima lúdico e participativo.

2 - Motivação e Apoio Familiar

“A motivação pode ser definida como a totalidade dos fatores, que determinam à atualização de formas de comportamento dirigido a um determinado objetivo” (SAMULSKI, 2002, p.103).

Na Psicologia moderna, o termo motivação é utilizado para designar a intensidade do esforço e a direção do comportamento humano. É uma dimensão direcional que indica a finalidade do comportamento ou porque as pessoas se orientam a um ou outro objetivo.

No âmbito da atividade física e do esporte, a motivação é produto de um conjunto de variáveis sociais, ambientais e individuais que determina a eleição de uma modalidade física ou esportiva e a intensidade da prática dessa modalidade, que determinará o rendimento. De acordo com Buriti (2001):

A motivação para o desporto é algo interessante de ser estudado e pesquisado, pois revela inúmeras facetas que envolvem não apenas a motivação em si, mas também toda a preparação física e psicológica de atletas, implicando ainda as relações humanas entre atletas, treinadores e/ou educadores físicos (p.149).

Todos sabem que a prática de uma atividade física é fundamental para a saúde de um indivíduo. Cada vez mais se valoriza os efeitos benéficos obtidos com relação à saúde mental, são vários os aspectos psicológicos envolvidos

nesta questão, pois o desejo e o interesse em praticar uma atividade física é resultado de um conjunto de fatores pessoais que influenciam na manutenção ou não da satisfação pela atividade.

Mesmo sabendo disso, muitas pessoas têm dificuldade em retomar ou manter uma atividade física regular. A prática de alguma atividade física regular ou esporte precisa de algum incentivo, ou melhor, motivação.

A prática de uma modalidade esportiva é uma das formas mais eficientes para aproximar as pessoas. Atualmente, cada vez mais, é através deste momento que adolescentes e adultos se encontram para conversar, se conhecer e estreitar laços de amizade ou mesmo aumentar o círculo de amizades.

Neste sentido, a atividade física torna-se também uma fonte importante de satisfação no aspecto de relacionamento social trabalhando com a auto-estima e a convivência em grupo. Não esquecendo que a maioria das pessoas procura o esporte pela alta competitividade, que é intensamente motivante.

A motivação, segundo Samulski (2002), para sua prática esportiva depende da personalidade de cada um e de fatores do meio como: facilidades, tarefas atraentes, desafios e influências sociais. No passar do tempo na vida de uma pessoa os valores mudam, a importância dos fatores motivacionais já mencionados mudam dependendo das necessidades e oportunidades.

Com relação aos fatores pessoais, cada pessoa possui duas tendências motivacionais: a tendência de procurar sucesso e a tendência de evitar fracasso (SAMULSKI, 2002). O motivo de procurar sucesso é definido como a capacidade de vivenciar orgulho e satisfação na realização das tarefas, enquanto o motivo de evitar fracasso é determinado como a capacidade de

experimentar vergonha e humilhação como conseqüência do mesmo. O comportamento de uma pessoa é influenciado pela interação destas duas tendências motivacionais.

2.1. A participação da família

A rotina de treinamento e das competições segundo Marques (2003), desgastam o desportista. Os treinos são repetitivos, e nos seguidos torneios há sempre a cobrança de bons resultados tanto por parte do atleta como dos técnicos e pais. Tanto os pais como os treinadores devem incentivar os atletas, fornecendo combustível para que eles se dediquem nos treinos e nos campeonatos. Mas essa motivação tem de vir de dentro para fora, e não ao contrário, pois se o processo for inverso, o custo será muito alto, e o resultado será o grande desgaste do atleta em pouco tempo.

A competência dos profissionais e o apoio da família não só demanda do domínio técnico, mas também da capacidade para motivar, ajudar e a orientar adequadamente na prática esportiva. Seu êxito profissional requer, portanto, a compreensão profunda dos fatores que a afetam e dos procedimentos para proporcionar um clima adequado para os indivíduos (SCALON, 1998).

É importante que a família esteja atenta à rotina de treinamentos e competições para que o atleta não se sinta isolado em mundo completamente diferente do seu e que isso não interfira nos seus resultados finais. Às vezes é comum acontecer com atletas muito bons não alcançarem resultados satisfatórios em competições em função do seu aspecto psicológico não está em ordem.

Daí o papel do professor ou técnico e da família, na motivação do atleta, fazendo o feedback positivo, encorajando-o e colocando-o em condições ideais para enfrentar as competições (SCALON, 1998).

3 – O (A) Técnico (a) de Futsal

Este profissional desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do atleta e de uma equipe, sobretudo no futsal feminino. Pois deve ser o líder e o disciplinador do grupo, podendo comandar durante treinos e jogos de forma correta as suas atletas. Devem adaptar seus treinamentos a uma condição ideal as faixas etárias de trabalho. Deve ser didático e ter um bom planejamento, aproveitando as qualidades reveladas pelas atletas.

Silveira (2007) cita que dentre as principais funções do técnico, podemos destacar o comando dos treinos (táticos, técnicos, dois toques, coletivo e recreativo), as preleção antes dos jogos, comentários após os jogos, se possível estudos sobre os futuros adversários, supervisão à disciplina dentro da quadra de jogo, supervisão junto aos seus auxiliares (comissão técnica) e um acompanhamento superficial da vida das atletas fora de seu ambiente de trabalho.

O técnico desempenha múltiplas funções que vão de - técnico, educador, organizador, conselheiro, líder e estrategista – exercendo significativa influência no comportamento dos atletas.

Segundo Silveira (2007) o técnico é um dos principais alicerces do esporte, se não o principal. Pois ele pode, através de suas fórmulas e técnicas, conseguir transformar adolescentes em atletas e pessoas de caráter. Ele influencia na educação dos jovens desportistas, uma vez que é uma referência.

Estudos apontam que os técnicos de acordo às suas características

peçoais e a sua formação profissional, podem apresentar diferentes manifestações de comportamento: alguns são pontuais, disciplinadores, autoritários ou exigentes; outros são organizados, valorizam os aspectos pedagógicos e metodológicos em suas proposições técnicas e táticas, respeitam as regras morais e éticas em suas relações esportivas e estão comprometidos com o desenvolvimento do futebol.

Os grandes líderes têm habilidades de entender as percepções, pensamentos e sentimentos de outras pessoas (empatia). A empatia permite conhecer motivos, interesses e necessidades de seus atletas (SILVEIRA, 2007).

A função de treinador é uma das mais importantes no desenvolvimento da atleta, pois sua participação seja como profissional do esporte ou como instrumento de formação para a vida pode determinar o futuro da atleta, como um ser capaz técnica, tática e emocionalmente para atingir o sucesso.

Silveira (2007) aponta que a liderança do treinador é de extrema importância no comando de sua equipe de trabalho, de modo a contribuir decisivamente para que as suas ações sejam harmônicas, e facilitadoras à conquista dos resultados no dia-a-dia no meio esportivo.

4 - Trabalho Tático no Desenvolvimento da Atleta e da Modalidade

Ao formar uma equipe de futsal visando o trabalho de uma temporada, segundo Voser (2001) o técnico deve se preocupar não só em preencher as posições em quadra ou deficiências da equipe, mas também em atribuir funções de acordo com as habilidades/qualidades de cada um dos atletas a sua disposição.

As funções a serem desempenhadas pelos atletas independem do esquema tático adotado pela equipe, além de nem sempre corresponder às posições em quadra. As funções a serem desempenhadas e as características do jogador para cada função devem ser as seguintes:

Marcador: é aquele jogador que reúne as melhores condições de antecipação e marcação, às vezes coincide o fato de que seja o fixo da equipe. Possui bom senso de cobertura, sabe utilizar bem o corpo e geralmente tem bom nível de força física.

Passador: geralmente é o jogador de melhor passe da equipe, dotado de uma boa visão de jogo e precisão nos lançamentos de longa distância. Muitas vezes é o segundo jogador mais habilidoso da equipe, mas por ter um excelente senso de marcação, joga como segundo defensor, cobrindo o fixo (marcador).

Armador: a maioria das vezes é o jogador mais rápido e habilidoso da equipe; possuidor de uma boa velocidade de raciocínio.

Finalizador: é jogador com o talento natural para finalizar em gol. Antevê como poucos os lances que poderão resultar em gol. Dotado de boa técnica e habilidade, tem na velocidade de reação e antecipação sua principal virtude físico-tática.

Diversos autores tentam definir as posições no futsal. De acordo com Voser (2001) estas são as definições para as mesmas:

Goleiro - "Este é o responsável por defender e impedir que a bola ultrapasse a linha de gol. (...) As últimas regras lhe dão a possibilidade de lançar a bola com as mãos diretamente para o outro lado da quadra. (...)

observa-se que o goleiro de futsal deverá possuir também as mesmas qualidades técnicas dos demais jogadores de linha".

Fixo - "Sua função básica é defensiva, porém deve saber o momento exato participar de algumas manobras ofensivas, como organizador, abrindo espaços para os companheiros e chegando como homem surpresa para o arremate a gol. Este jogador devera também orientar os colegas durante a marcação e ter um bom senso de cobertura".

Alas (direito e esquerdo) – "São os responsáveis pela construção das jogadas e tem a tarefa de marcar e atacar".

Pivô - "Este é o responsável pela distribuição das jogadas e, quando acionado, exerce as ações de finalização e de abrir espaços na área adversária para a penetração de seus companheiros. A sua característica básica é saber jogar de costas para o gol".

Muitas vezes o atleta apesar de jogar numa determinada posição, exerce como maior eficiência uma função em quadra que aparentemente não seria a sua, podemos citar o exemplo de um ala ser o marcador ao invés do fixo, que seria a escolha natural. Ou um dos alas pode eventualmente exercer a função de finalizador da equipe ao invés do pivô, que no caso em estudo rende mais como armador das jogadas da equipe.

A função de passador geralmente é exercida por um dos alas ou pelo fixo, quando este é detentor de um bom passe de media e longa distancia, alem de bom nível de habilidade.

O trabalho de atribuição de funções é mais usuais em equipes cujos jogadores não são experientes, pouco experientes ou se tem pouco tempo para treinos táticos antes da competição alvo da temporada. A atribuição de funções

não exige os jogadores de executar (e bem) qualquer uma das funções descritas anteriormente, mesmo que esta não seja a que lhe foi atribuída pelo técnico. Para que qualquer um da equipe possa desempenhar as funções de outro jogador em quadra o trabalho de treinamento dos fundamentos do futsal (passe, drible, condução, chute etc.) é primordial, mesmo para aqueles jogadores mais experientes do elenco. Este treinamento parece fácil, mas quando é realizado muitas vezes o número de erros na sua execução podem ser tantos, que muitos poderão achar tratar-se de um jogador qualquer amador.

DISCUSSÃO

Vale ressaltar que o gênero feminino, objeto deste estudo frente ao futsal, modalidade incutida está conquistando seu espaço, adquirindo confiança, valorização e admiração no meio social.

Por muitas décadas a formação do “Ser” atleta, seguiu padrões impostos pela sociedade não permitindo a participação da mulher num contexto dito exclusivamente masculino. Pois à mulher era determinado, segundo os preceitos a condição de mãe e dona de casa, pois suas condições biológicas e orgânicas não lhe davam condições de desenvolver e render como atleta. A afirmação de Simões et al (2007), é notória quando implica diretamente nas condições da mulher, ou seja, as diferenças psicológicas, sociológicas e culturais vivenciadas pelas mulheres, marcadas e regulamentadas pela sociedade com normas diferenciadas para homens e mulheres, ainda afetam o sucesso do gênero feminino, através de conceitos dominantes de masculinidade e feminilidade, mesmo que num número menor.

A sociedade já começa a sentir o aumento da representatividade da mulher futsalista. Ainda que em menor proporção que o masculino, cresce cada vez mais o interesse do gênero feminino pelo futsal.

Além dos fatores observados e apresentados há muito a ser explorado: os aspectos coordenativos, físicos, afetivos, sociais, psicológicos e a comparação cronológica e biológica. É preciso muito mais discussão e realizações práticas para que, como no masculino, o futsal feminino se torne, mesmo que em longo prazo, uma potência esportiva.

Há cerca de uma década, não se tinha nenhuma expectativa em relação ao sucesso das mulheres no futebol e no futsal. E atualmente, o Brasil está

entre as melhores seleções do mundo. Isso mostra que com as condições adequadas, ou seja, com a valorização do trabalho tático e técnico na iniciação, uma didática adequada na formação das atletas que já se mostram predisposta a pratica da modalidade, condicionamento físico, desenvolvimento cognitivo, interferências psicológicas e ainda com base no acompanhamento de um técnico que tenha preocupação com a parte pedagógica e disciplinar a mulher encontrará mais facilmente o sucesso na prática do desporto.

Giddens (1995), apresenta a família como a principal instituição socializadora, mas é preciso criar outros instrumentos que facilitem não só o crescimento do futsal entre as mulheres, mas também a conscientização da sociedade, dos profissionais de Educação Física, técnicos e das próprias mulheres em relação aos benefícios e a importância do futsal como pratica esportiva. Seja de maneira educativa, recreativa ou competitiva. Diante desse processo, outros fatores como organização, estrutura, planejamento e investimentos também podem ser importantes para o desenvolvimento da modalidade.

O futsal para as mulheres deve ser concebido como um processo gradativo na busca pelo sucesso. Pois como se observa na referencia de VOSER (2001), na modalidade não há diferenças na proposição de métodos de ensino, nem tampouco nos posicionamentos apresentados e determinados pelos técnicos.

Existe um confronto de idéias e afirmações, quanto à proposição de Silveira (2007) que afirma que o técnico é um dos principais alicerces do esporte, se não o principal; Giddens (1995), apresenta a família como principal instituição socializadora e Scalon (1998), aponta que a capacidade para

motivar, ajudar e a orientar adequadamente na prática esportiva deve ser da família. Mas o que se vê na realidade como um dos principais alicerces para o futsal feminino, além destes fatores, são a infra-estrutura e remuneração que passa a influenciar na motivação e continuidade das jovens desportistas. Ou seja, se o clube/equipe não proporcionar meios tais como: bolsas de estudos, acompanhamento psicológico, patrocínio com ajudas de custo, aproximação com a família, alimentação e um salário digno, a atleta terá estar propensa a uma carreira curta e decepcionante. Conseqüentemente, os fatores psicológicos, tais como a frustração, poderá contribuir para uma descrença na ascensão da modalidade.

Daí a concordância com a citação de Samulski (2002), que afirma que o fator motivacional muda de acordo com as necessidades e oportunidades.

Embora haja um grande aumento de mulheres envolvidas com a prática do futsal, o mercado de trabalho no contexto, para a mulher, é mais restrito do que para o homem. A sociedade estigmatiza, com maior freqüência, as mulheres que jogam futsal, chamando-as, por exemplo, de "mulher-macho" ou "sapatão". Isso mostra uma associação indevida entre a prática esportiva feminina e as preferências sexuais, colocadas de forma preconceituosa que não condiz com o objetivo do esporte que é integrar todas as pessoas. Por isso a motivação e interferência da família como cita Scalon (1998) é importante, desde que seja uma motivação sem cobranças.

A discussão em torno da participação da mulher com a prática do futsal é relevante na medida em que a mulher embora com todas as dificuldades aqui relatadas revele sua capacidade nas competições de que participa, nas escolas e nos campeonatos realizados pelo país afora, destacando-se e vencendo os

preconceitos que ainda insistem em julgá-la menos incapaz que os homens, entretanto, como se trata de um fato histórico, a luta pela emancipação completa da mulher é tarefa de toda a sociedade e a cada dia ela precisa provar a sua determinação e capacidade em busca de uma situação de equilíbrio social com o sexo masculino.

CONCLUSÃO

O presente estudo mostrou através das variáveis que o processo de inserção da mulher no esporte sempre esteve condicionado aos estigmas impostos pela sociedade. Mas que a partir das constantes conquistas de espaço pelo gênero feminino a sociedade passou a rever os conceitos discriminatórios.

Diante este contexto, a atleta futsalonista que tiver um aprendizado estabelecido frente a objetivos, conteúdos, metodologia, avaliação do ensino; apoio e motivação da família; um técnico preocupado com o desenvolvimento das metodologias de trabalho técnico e tático, com certeza praticará com mais sucesso a modalidade em relação a outras atletas que não tenham o mesmo estímulo de aprendizagem.

Consequentemente o estudo permite afirmar que o futsal, desporto que vem conquistando cada vez mais a preferência de grande número de mulheres, tem grandes chances de atingir seu maior sonho. Tornar-se olímpico. Pois está sendo praticado pelos dois gêneros, apreciado, difundido, estudado e apoiado na modalidade feminina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNEZ, M. **Reflexiones acerca de lo que la mujer representa par el deporte y el verdadero significado del deporte para la mujer.** Lecturas en Educación Física Y Deporte. Revista Digital, n. 7, p. 42, Nov. 2001. Acesso em 19 out. 2006.

BURITI, M. A. **Psicologia do Esporte.** Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2001.

CHAUÍ, M. **Filosofia.** São Paulo: Ática, 2000.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE SALÃO. **Histórico.** Disponível em: <<http://www.cbfs.com.br/novo/origem.asp>>. Acesso em: 13 set. 2006.

De ROSE JR., D; SATO, C.T. **Níveis de stress competitivo:** comparação entre sexos e esportes individuais e coletivos. In: *Simpósio Internacional de Ciências do Esporte: Vida Ativa para o Novo Milênio, XXIV*, São Paulo, 2001, **Anais**, Londrina, Midiograf, 2001.

FRAZINI, F. **Futebol é coisa para macho?** Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Acesso: correspondência eletrônica, maio, 2002.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do Futebol.** Londrina: Midiograf, 1998.

GIDDENS, A. **Sociologia.** Madrid: Alianza, 1995.

GÖELLNER, S. **A Educação Física e a construção de imagens feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40.** Revista Movimento, ano 7, n. 13, p.61-70, 2002.

GOMES B., P.; SILVA, P.; QUEIRÓS, P. Para uma estrutura pedagógica renovada da co-educação no desporto. In: SIMÕES, A C; KNIJNIK, J.D. **O mundo psicossocial da mulher no esporte:** comportamento, gêneros e desempenho. São Paulo: Aleph, 2004.

HEILBORN, M. L. **De que gêneros estão falando?** Sexualidade, gêneros e sociedade. Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, 1994.

INCARBONE, Oscar. Iniciação Desportiva. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.4, n.3, 98-103, 1990.

MARQUES, G. M. **Psicologia do Esporte:** Aspectos que os atletas acreditam. Canoas: Editora Ulbra, 2003.

MUTTI, D. **Futsal: da iniciação ao alto nível.** São Paulo: Phorte, 2003.

_____. **Futsal - Futebol de Salão - Artes e Segredos.** São Paulo: Hemus, 1994.

SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte**. São Paulo: Manole Ltda, 2002.

SANCHES, V. C. e BORIM, J. M. **História e evolução do futsal feminino no Brasil e no Paraná**. 2004. Disponível em: http://www.futsalfeminino.unopar.br/historia_futsal.pdf. Acesso em: 19 out. 2006.

SANTANA, W. C. de. **Uma proposta de subsídios pedagógicos para o futsal na infância** Revista virtual E.F. Artigos - Natal/RN, v. 3, n. 4, junho, 2005.

_____. REIS H.H.B. **Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas**. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Brasília, v.11, n.4, p.45-50, 2003.

_____. **Futsal: metodologia da participação**. Londrina: Lido, 1996.

SCALON, R. M. **Fatores motivacionais que influem na aderência e no abandono dos programas de iniciação desportiva pela criança**. Porto Alegre: UFRS, 1998.

SILVEIRA, T. dos S. **A preferência das jogadoras de Futsal com relação ao perfil de liderança dos treinadores**. São Paulo: UEL, 2007.

SIMÕES, A. C.; HATA M. De ROSE JUNIOR, D. MACEDO, L.L. O ajustamento social da mulher ao esporte de competição. **Treinamento Desportivo**. São Paulo, v.1, n.1, p.73-83. Disponível na internet <http://www.efdeportes.com/efd78/mulher.htm>. Acesso em 24-11-2007.

_____. O universo das mulheres nas práticas sociais e esportivas. In: SIMÕES A. C.; KNIJNIK, J.D. **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gêneros, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004.

SOUZA, E. S. & ALTMANN, H. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na Educação Física Escolar**. Campinas: Caderno CEDES, ano 19, n.48, 1999.

TEIXEIRA JUNIOR, J. **Futebol de Salão: uma nova visão pedagógica**. Porto Alegre: Sagra, 1992.

TORRES, N. **Futsal feminino “crescimento a galopes”**. 2006. Disponível em: <http://www.futsalbrasil.com.br/artigos/artigo.php>. Acesso em: 09 out. 2006.

VANCE, C. S. **A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico**. Physis: Revista de Saúde Coletiva, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 7-29, 1995.

VOSER, R. C. **Futsal: princípios técnicos e táticos**. Rio de Janeiro, Editora Sprint, 2001.

VOSER, R. C.; GIUSTI, J.G. **O futsal e a escola: uma perspectiva pedagógica**. Porto Alegre: Artmed. 1999.